

Decifrando a mente de Herodes

Não apenas o Império Romano entrou em declínio por seu grande custo financeiro, inevitável ao ter todo o mundo mediterrâneo em mãos, incluindo o norte da África e o leste europeu, como também o Império da Judeia entrou em crise fiscal nas mãos do rei dos Judeus (Josefo v. 612). Essa crise nas finanças do Estado gerou para Herodes um problema ao qual ele não gostaria de enfrentar em tal momento: a corte em Jerusalém estava em crise familiar, com os filhos de Herodes que legalmente deveriam suceder-lhe o trono, Alexandre e Aristóbulo, sendo ameaçados de ver o irmão mais jovem, Antípatro, tomar-lhes o lugar e se tornar rei após a morte do Grande Herodes. Uma crise fiscal nesse momento envolve não apenas as contas públicas, mas envolve também o orçamento doméstico e, como em todo Estado, quem terá de recuperar as contas arruinadas é o trabalhador. Temos aqui uma enrascada que, sendo trabalhada por uma mente torpe como a do rei Herodes, será “solucionada” com mais uma aberração: o rei Herodes decide violar e saquear o túmulo do Rei Davi, e de seu filho, Salomão.

[...]Mandou abrir o sepulcro à noite e lá entrou acompanhado somente pelos seus amigos mais fiéis. Não encontrou dinheiro em moedas, como Hircano, porém achou muitos vasos de ouro e outras preciosas dádivas que ali haviam sido colocadas. Mandou levar tudo, no entanto isso lhe fez desejar mais. Mandou então rebuscar até mesmo no ataúde onde estava o corpo de Davi e o de Salomão. Conta-se, porém, que de lá saiu uma chama, que matou dois de seus guardas. Esse fato prodigioso assustou-o e, para expiar tal sacrilégio, ele depois mandou construir à entrada do sepulcro um soberbo monumento de mármore branco.¹ (v. 699)

Acontece que após a invasão dos santos sepulcros, a vida familiar de Herodes entra em sua pior fase e sua dinastia nunca mais se recuperaria. As intrigas palacianas envolvendo os três filhos a herdar o trono crescem em tal medida que, por iniciativa do próprio rei, acaba sendo levada à Roma, onde a família que governava a Judeia se coloca diante de César Augusto para receber dele o veredito: deveriam Alexandre e Aristóbulo serem presos (ou quiçá mortos) por um suposto plano de assassinato do rei seu pai? A decisão do Augusto é que tal plano não passa de uma “fofoca real”, e acertadamente César poupa a vida dos jovens e concede à família herodiana a permissão para retornar para a Judeia e buscar governar aquela tetrarquia em paz. A princípio tudo se encaminha bem, mas a maldição pela violação das tumbas e demais atentados contra a fé monoteísta dos judeus não permite àquela corte viver um tempo áureo no trono, levando à destruição do afeto, minando as relações familiares a tal ponto em que Herodes passa a pensar até mesmo em matar os próprios filhos e declarar Antípatro rei, estando o próprio Herodes ainda vivo.

“As perturbações na família de Herodes não cessaram”, continua o autor, “[mas] aumentaram com novos fatos, vergonhosos em seu início e funestos em suas consequências”. Tinha o rei Herodes, dentre seus súditos, três eunucos belíssimos que lhe eram de estrita confiança, acerca dos quais foi dito ao rei que intentavam mata-lo. Seguindo sua prática leviana, Herodes ordena

¹ O historiador Nicolau de Damasco (64-4 a.C) também registrou esse fato em sua obra História, composta por 144 volumes, ainda que retirando a menção da presença pessoal de Herodes no ato da invasão.

que os mesmos sejam torturados a fim de confessarem os detalhes da intriga, e diante dos suplícios sofridos os mesmos confessam que haviam sido subornados por Alexandre, filho do rei, que ainda contaminado pelo ódio contra o pai por saber ser ele o responsável pela morte de sua mãe, buscava vingança. A acusação era verdadeira e ninguém mais que o próprio rei sabia disso. Herodes passa então a sofrer mentalmente com a possibilidade de ser morto a qualquer momento e transforma o palácio real em uma masmorra horrenda, onde ninguém mais confiava em quem se lhe postava ao lado, levando todos a se tornarem delatores de todos, na busca de sendo o primeiro a delatar o vizinho, fugir das torturas. Herodes se isola de todos, inclusive dos conselheiros e até mesmo de amigos próximos, como Andrômaco e Gamelo. Com esse ambiente insalubre, o caçula Antípatro vê suas chances de chegar ao trono aumentarem, e passa então a conspirar contra seu irmão mais velho, Alexandre, o herdeiro do reino da Judeia. O avanço de Antípatro junto ao pai que tanto lhe amava tem sucesso e Herodes ordena a prisão de seu filho Alexandre, que só virá a se livrar do cárcere após a vinda do rei da Capadócia, Arquelau, à Judeia, com o intento de aplacar a ira de Herodes e livrar Alexandre, seu genro, da prisão – o que efetivamente Arquelau consegue.

Os dias de liberdade de Alexandre, porém, não duraram por muito tempo. O mais belo dos dois filhos de Herodes com Mariana foi alvo constante de ataques por parte de Antípatro, que fazia chegar ao pai notícias de tentativas frequentes de levar a cabo um plano regicida. Tal enxurrada de denúncias levou Herodes a uma situação psicológica insustentável, e é aí que finalmente o rei se vê em tamanha neurose que acaba levando a termo a ordenação de prisão de seus dois filhos, Alexandre e Aristóbulo.

“Herodes banuiu então de seu espírito qualquer compaixão que lhe viesse impedir de ordenar a morte dos dois filhos. E, não querendo dar lugar ao arrependimento, apressou-se em realizar a execução”. (v. 720)

Ambos os filhos do rei foram estrangulados a mando do próprio pai, o mesmo que assassinara Mariana (v. 655) pela falsa acusação de tentativa de assassinato. Era mais um episódio de execução por parte de Herodes, como resultado de seu medo de ser morto.

Termina Herodes os seus dias da forma mais terrível, sendo feita justiça divina não apenas com relação a seus atos pessoais como também ao seu governo perdulário e, principalmente, à destruição religiosa que esse idumeu trouxe à Jerusalém, profanando a cidade santa com todo tipo de ofensa à Deus. Ainda no leito de morte, Herodes viu o povo comemorar precipitadamente sua morte, quando um grupo de judeus se rebelam contra as profanações em Jerusalém, e crentes de que Herodes era morto, sobem em um pórtico sobre o qual Herodes havia ordenado que fosse colocada uma águia símbolo do império romano -- o que atentava contra a fé judaica. O grupo rebelde destrói o ornamento pagão e é preso por tal ato. Porém não era essa apenas uma pequena rebelião, mas sim o início de uma grande rebelião que tomou conta de todo o povo hebreu em todo o território outrora governado por Herodes.

O rei dos judeus morre e seus filhos se lançam em uma batalha judicial para fazer valer seu testamento. Uma dificuldade adicional se impõe: nos últimos dias de vida, Herodes refez o testamento que já estava escrito, o qual nomeava Arquelau como rei, e em seu novo testamento passa a Antipas todo o reino. Essa disputa para saber qual dos testamentos deveria valer é levada até Roma, e César ouve ambas as defesas e acaba por decidir que a Arquelau deve ser entregue metade do reino da Judéia, e a Antipas e Filipe a outra metade.

O reinado de Herodes, o Grande, entrega a História aos judeus em sua forma mais deplorável: a miséria espiritual. Após a dinastia dos asmoneus, que trouxe aos judeus a vitória sobre invasores e a restituição do culto no Templo, o rei Herodes governou por mais de trinta anos e ao longo de todas essas décadas, minou as bases espirituais, morais e financeiras em todo o reino. Com sua morte vemos mais uma vez a história do império de Alexandre se repetir, dessa vez com outro que trazia sobre si o título de “o Grande”. Morreu tendo o corpo acometido de uma terrível doença, que fez com que fosse comido por vermes durante um longo período até o suspiro final, e teve seu reino despedaçado entre filhos que lhe odiavam. O povo recebe desse “o Grande” um país em frangalhos, dominado por um Império pagão e dividido internamente entre quatro grupos: essênios, saduceus, fariseus e uma seita rebelde liderada por Sadoque e Judas.

Esse momento político para os judeus é o momento que precede a chegada do Messias, que nasce no momento mais turbulento da história dos judeus em um mundo que vislumbrava o advento da democracia com as *pólis*. Nasce o Messias em um momento que o povo esperava se libertar do domínio romano e era assediado, diuturnamente por rebeldes sectários.

Fernando Melo
Brasília, 17 de novembro de 2021.